

**Política, Cultura e História Social:
contribuições epistemológicas de E. P. Thompson
para a pesquisa sociológica**

***Politics, Culture and Social History:
epistemological contributions of E. P. Thompson
for sociological research***

Juliana de Jesus Grigoli
Doutoranda em Sociologia Política (UFSC)
Pesquisadora do Laboratório de Sociologia do Trabalho (UFSC)
jugrigoli@yahoo.com.br

Resumo: Tendo em mente a diversidade de abordagens sociológicas na atualidade, busca-se, nesse artigo, destacar as contribuições epistemológicas de E.P. Thompson para as Ciências Sociais. O objetivo não é o de esgotar as explicações teóricas ou abordar todas as questões metodológicas pensadas por Thompson. Interessa evidenciar a importância de suas reflexões para o campo da história social quando aborda a relação entre objetividade e subjetividade, evidência e experiência. Thompson também traz inovações para o marxismo ao incorporar o conceito de cultura no debate sobre as sociedades modernas e ao provocar discussões quando propõe uma história social vista de baixo, que valorize o fazer político pautado nas tradições, nos costumes e nos modos de vida dos sujeitos sociais.

Palavras-chave: Cultura. Política. História Social. Dialética. Materialismo histórico.

Abstract: Bearing in mind the diversity of sociological approaches today, seeking, in this article, highlight the epistemological contributions of E.P. Thompson for the Social Sciences. The goal is not to exhaust the theoretical explanations or address all methodological thought by Thompson. Interests highlight the importance of his reflections to the field of social history when focusing on the relationship between objectivity and subjectivity, evidence and experience. Thompson also brings innovations to Marxism by incorporating the concept of culture in the debate on modern society and provoke discussion in proposing a social history from below, that values doing politics based in the traditions, customs and ways of life of individuals social.

Keywords: Culture. Politics. Social history. Dialectical. Historical materialism.

Originais recebidos em: 23/07/2013
Aceito para publicação em: 13/09/2013



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Usos Não-Comerciais-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License

Introdução

Esse estudo busca discutir as principais contribuições teóricas e metodológicas do historiador social britânico E.P.Thompson para a área das Ciências Humanas, em especial para os sociólogos interessados em entender a complexa relação entre política e cultura enquanto elementos constitutivos da história social moderna. Nesse sentido Ricardo Müller em seu relatório técnico de pesquisa *Missão Civilizatória e Exterminismo: um caso de Realismo Político* destaca que:

A contribuição de E. P. Thompson pode ser definida como única se pensarmos um conceito de teoria política que relacione filosofia, história e engajamento político. Sua contribuição, portanto, pode ser observada em diferentes áreas acadêmicas e campos temáticos, como os dos estudos dos movimentos sociais, que exigem rupturas de fronteiras e mediações teóricas mais sistemáticas (MÜLLER, 2008, p.08).

Desse modo, entender as relações sociais como processo histórico exige empreender uma investigação sobre a formação social particular no passado para, assim, compreender as diversas situações e desdobramentos no presente. Nesse sentido, E.P. Thompson, destaca em seu livro *Miséria da Teoria*:

Nosso conhecimento não fica (esperamos) por isto aprisionado nesse passado. Ele nos ajuda a conhecer quem somos, porque estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestaram, e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de processo social (THOMPSON, 1981, p.13).

De acordo com essa lógica, E.P. Thompson propõe uma ciência mais dinâmica, capaz de dialogar com o mundo da práxis e a partir desse contato, entender de forma ampliada as práticas, experiências, aspirações e valores de determinado grupo ou movimento social.

Fruto das negociações, dos acordos e dos conflitos humanos, a história social é a síntese das movimentações humanas. Assim, a explicação histórica não se restringe a revelar o que deveria ter ocorrido, mas de entender como e porque ocorreu, ressaltando aspectos particulares que atuaram de forma determinante no processo. Ao retirar o nível cultural da qualidade de mero reflexo da instância econômica, Thompson atribui um caráter dinâmico e de inter-relações com o político, o social e o econômico. É interessante ressaltar que a forma de Thompson interpretar esses aspectos particulares, nega a utilização de categorias de análise rígidas e fechadas tal como propunham os marxistas estruturalistas franceses. Do primeiro ao último capítulo de sua obra *Miséria da Filosofia*, o autor critica a ortodoxia de Althusser e de seu grupo. Thompson ressalta um termo ausente no escopo teórico de Althusser: o conceito de experiência. Para ele,

A prática da teoria marxista continua onde sempre esteve, no objeto humano real, em todas as suas manifestações (passadas e presentes); objeto que, no entanto, não pode ser conhecido num golpe de vista teórico (como se a Teoria pudesse engolir a realidade de uma só bocada), mas apenas através de disciplinas separadas, informadas por conceitos unitários. [...] A filosofia pode (e deve) monitorar, aperfeiçoar e assistir a essas conversas. Mas se deixamos que a filosofia procure abstrair os conceitos das práticas, e construir a partir deles uma Sede para a Teoria, independentemente daquelas, e muito distante de qualquer diálogo como objeto da teoria, então teremos- o teatro de Althusser (THOMPSON, 1981, p.55).

Thompson parte do princípio da dialética marxista da historicidade e totalidade de todo fenômeno social. A história é concebida como processo da vida real dos homens e das relações que estabelecem entre si, entre si e a natureza, por meio do trabalho. Segundo as análises de Kosik (1995), a história, na perspectiva marxista, é a história do mundo real entendida como o mundo da práxis humana que compreende a realidade humana-social como unidade de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura. Assim,

O mundo real é o mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social (KOSIK, 1995, p. 23).

Em relação às atuações política e intelectual, E.P. Thompson ficou conhecido por suas opiniões e concepções polêmicas e também por defender a importância do dissenso nas análises nas ciências humanas. Nesse sentido Müller (2008) ressalta:

Tal noção de dissenso implicou, em primeiro lugar, um confronto com as correntes comunistas então hegemônicas que não admitiam mudanças de perspectiva na ortodoxia estabelecida. Em segundo, articulados à noção de *dissenso*, o método e as categorias propostas por Thompson questionam as abordagens ortodoxas de pesquisa das relações sociais e dos mecanismos de interação humana (MÜLLER, 2008, p.08).

Desse modo, Thompson considera o dissenso como um fator de análise essencial porque permite identificar as aspirações políticas e compreender as contradições, os pontos de tensão, conflitos e os limites presentes no processo histórico. Sobre isso, Moraes e Müller (2007), dizem que,

A prática do materialismo histórico para Thompson foi, como estrutura real e como metodologia, fonte renovadora para uma teoria da emancipação humana, para uma história escrita a partir de baixo que representava a constante renovação dos valores de uma cultura de dissidência (MORAES e MÜLLER, 2007, p.05).

O método de E.P. Thompson envolve a identificação dos aspectos objetivos e subjetivos que orientam as relações sociais. De acordo com a matriz analítica de Thompson, o interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é a hipótese; e o interrogado é a evidência.

A partir da compreensão dessa matriz triangular é possível definir algumas questões de ordem metodológica: Como o pesquisador se comporta diante da leitura e em relação à interpretação de um evento histórico? Como interrogar as evidências e qual o conteúdo dessa interrogação? Como construir as hipóteses e definir as categorias de análise?

De acordo com a opinião de Moraes e Müller (2007), responder a essas questões significa superar o debate epistemológico no âmbito da ciência através do envolvimento das esferas sócio-políticas e culturais conectadas ao mundo da práxis e da subjetividade no sentido de consolidar uma relação entre os planos do conhecimento e o político-social.

Tendo em vista a importância dos assuntos abordados acima, o estudo objetiva sistematizar algumas reflexões acerca da relação entre política e cultura em Thompson e assim, compreender sua proposta de investigação histórica a partir de alguns pressupostos teórico-metodológicos defendidos pelo autor nas duas principais obras – *A miséria da teoria ou um planetário de erros* no qual defende o materialismo histórico e define o método da lógica histórica, e *A formação da classe operária inglesa*, no qual analisa o processo de formação da classe trabalhadora na Inglaterra, no período entre 1780 a 1832.

Como relacionar política e cultura?

Um dos traços mais marcantes da personalidade intelectual de E.P. Thompson foi a de conseguir dividir o seu tempo entre as atividades teóricas e historiográficas com as atividades políticas. De acordo com Müller (2008),

Sua presença em movimentos pacifistas – e na organização de documentos, ensaios e livros – revelou até que ponto seu ideal de marxismo estabeleceu um núcleo de convergência de uma tradição de *crítica* e de *práxis* radicais. Seu ativismo político e as constantes polêmicas em que esteve envolvido, associados à importância atribuída aos temas relacionados à luta dos trabalhadores e sua contribuição intelectual para a elaboração de uma “história vista de baixo”, distinguem-no como um dos mais eloquentes e influentes historiadores e intelectuais socialistas ingleses. (MÜLLER, 2008, p.08).

Para E.P. Thompson, elaborar uma ‘história vista de baixo’ depende do nível de diálogo estabelecido entre a teoria e a evidência, isto é, entre o que se espera do ser humano e o agir humano propriamente dito. Por isso, Thompson “retoma a ideia marxista da classe como sujeito, ampliando seu significado, enquanto relação. Pois valoriza as tradições, costumes e modos de vida dos sujeitos sociais” (VENDRAMINI, 2006, p.124).

Em função dessa postura, Thompson foi considerado, equivocadamente, por alguns autores das ciências humanas como um historiador culturalista. Entretanto, seu desejo era o de elaborar uma ‘história a partir de baixo’, vinculada ao estudo das práticas sócio-culturais de seus representantes.

Portanto, entender a dimensão política *vista de baixo* implica em articular o conceito de classe social para entender os diversos aspectos objetivos e subjetivos que determinaram os rumos da história social. Desse modo, “[...] o papel da dimensão histórica nessa equação (em seu teor diacrônico, dialético e comparativo) seria o de apontar as transformações e rupturas nas instituições sociais e nos sistemas de organização social e suas possíveis contradições internas” (MORAES e MÜLLER, 2007, p.15). O conceito de cultura aparece em Thompson como:

[...] um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um ‘sistema’. E na verdade o próprio termo ‘cultura’, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (MORAES e MÜLLER, 2007, p.16).

É importante enfatizar que Thompson não pensa cultura como um componente da superestrutura e mero reflexo do nível econômico. Muito menos numa perspectiva de “passividade” das classes populares, supostamente, presas as armadilhas da ideologia dos dominantes. Thompson se contrapõe a perspectiva althusseriana de tratar a experiência e a cultura apenas no terreno ideológico. Discorda de que os valores, como expressões culturais, sejam simplesmente impostos pelo Estado, através de seus aparelhos ideológicos. Isso, no entanto, não significa negar que os valores encontram-se perpassados pela ideologia.

Cultura, em Thompson, é algo dinâmico. Em sua obra *Costumes em Comum* Thompson analisa o conceito de cultura popular no contexto da Europa do século XVIII, fazendo algumas críticas, principalmente ao tratamento universal dado a essa temática. Assim, cultura em Thompson, não se descola das relações de poder entre as classes sociais. Por meio dela a classe operária constrói sua consciência e sua identidade em relação aos dominantes, resistindo ou negociando, mas sempre procurando tirar proveito do jogo do poder.

Por isso, o conceito de cultura é considerado um agente de formação social resultante da luta e da consciência de classe. Esse entendimento permite o cruzamento entre cultura e experiência, segundo as palavras de E.P. Thompson - “homens e mulheres,

ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam também seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos a seu modo de vida” (THOMPSON, 1981, p.194).

A matriz analítica de Thompson permite reconhecer e analisar as experiências culturais e políticas construídas pela classe operária. De acordo com Vendramini (2006), Thompson em *A formação da classe operária inglesa*, analisa o modo de vida dos trabalhadores, destacando a relação dinâmica entre o modo de produção e os valores partilhados pelos operários que vivenciaram a Revolução Industrial inglesa. Além de destacar os aspectos econômicos como propulsores das transformações das relações sociais, Thompson destaca os costumes quando analisa as lutas políticas e sociais engendradas pelos trabalhadores contra as classes dominantes.

A partir desta posição, Thompson afirma que classe “é uma formação tão ‘econômica’ quanto ‘cultural’ e que a determinação em última instância pode abrir seu caminho tanto por formas econômicas quanto culturais” (THOMPSON *apud* MORAES e MÜLLER, 2007, p.19). Essa definição permite investigar a relação que há entre classe e consciência de classe, entre lógica histórica e experiência. Mais uma vez recorrendo ao historiador inglês,

Com experiência e cultura estamos num ponto de junção de outro tipo. As pessoas não experimentam suas experiências apenas como ideias ou como instinto proletário. Elas também experimentam suas experiências com sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981, p. 189).

A ampliação do conceito de cultura envolve abertura de diálogo entre as diversas áreas das ciências humanas. Em Thompson a sociologia precisa dialogar com a história, a ciência política e a antropologia como bem destacam Moraes e Müller (2007, p.17) ao afirmarem que: “a questão metodológica levantada por Thompson em relação a esse tipo de problema é de natureza antropológica: estando com fome (ou sendo sensuais), o que as pessoas fazem?”

O contato entre as diferentes disciplinas traz para o campo da história social a possibilidade de desenvolver uma abordagem dos fenômenos sociais a partir do cruzamento entre as evidências objetivas e os aspectos subjetivos da vida cotidiana dos sujeitos sociais. Isso significa dizer que é possível realizar uma análise no terreno do marxismo sem precisar recorrer a conceitos rígidos e fechados como ‘base’ e

‘superestrutura’, segundo a tradição marxista mais ortodoxa. Para Moraes e Müller (2007, p.18):

Em lugar de adotarmos a noção de primazia do “econômico”, devemos enfatizar “a simultaneidade da manifestação de relações produtivas particulares em *todos* os sistemas e áreas da vida social”. Sem colocar em dúvida a centralidade do modo de produção (e as subsequentes relações de poder e propriedade) para qualquer compreensão materialista da história.

No sentido de superar a ortodoxia althusseriana no marxismo, a obra *A formação da classe operária inglesa*, analisa a classe operária inglesa enquanto sujeitos históricos frutos da experiência cotidiana pautada pelas relações de produção. Destaca também como a experiência é o elemento fundamental na formação da consciência e da cultura da classe operária inglesa. Isso ocorre porque “é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento”. Assim, “a experiência é exatamente aquilo que faz a junção entre a cultura e a não-cultura, estando metade dentro do ser social, metade dentro da consciência social”. (THOMPSON *apud* MORAES e MÜLLER, 2007, p.20).

Desse modo, a experiência é uma categoria de análise que permite compreender a intrínseca relação entre o ser social e a consciência social ou coletiva, contribuindo, sobremaneira, para o aprofundamento dos debates epistemológicos e metodológicos nas Ciências Sociais.

Apontamentos metodológicos

Thompson pertence ao grupo de pensadores de tradição marxista que valoriza a compreensão ontológica para analisar um determinado processo histórico. De acordo com a opinião de Hostins (2004, p.03):

Isto significa dizer que, para ele, a história real existe independente de qualquer esforço cognitivo do sujeito e que quaisquer categorias empregadas pelo materialismo histórico só podem ser compreendidas como categorias históricas, isto é, categorias próprias para a investigação de processo [...] que deve ser interrogada na sua irregularidade e contradição.

O modelo metodológico de Thompson é uma resposta crítica a duas tendências analíticas das décadas de 1960 e 1970 no campo da história social. Por um lado o autor inglês aponta os limites teóricos do relativismo, denunciando a ausência de parâmetros claros e mais rígidos o que implica numa superficialidade nas análises empreendidas por essa corrente teórica, e, por o outro lado, critica as análises fundamentadas no

estruturalismo marxista de Althusser o excesso de rigidez na forma como emprega os conceitos e as categorias de análise de Marx. Nesse sentido destaca-se:

A crítica desenvolvida em *The Poverty...* tem endereço certo: o estruturalismo de Louis Althusser [...] Thompson denuncia as análises estruturalistas que, a seu ver, constituem uma agressão política e teórica ao marxismo - sobretudo por sua concepção de um real epistemologicamente nulo e inerte e sua negação da inteligibilidade da história e dos conceitos de classe e de ideologia como categorias históricas (MÜLLER, 2008, p.08).

Segundo a opinião de Müller (2008), essa negação da inteligibilidade da história e dos conceitos de classe e de ideologia como categorias históricas reduziu a teoria comunista de Marx a uma ideologia desprovida de seu caráter revolucionário, sem um projeto político emancipatório que ofereça à classe trabalhadora uma esperança que complemente sua experiência de vida.

Em contraponto as críticas de Althusser ao historicismo, ao humanismo e ao moralismo, Thompson argumenta que não vê a historiografia marxista como dependente de um corpo geral de marxismo-como-teoria, localizado em alguma outra parte. “Pelo contrário, se há um terreno comum para todas as práticas marxistas, então ele deve estar onde o próprio Marx o situou, no materialismo histórico” (THOMPSON, 1981, p. 54).

De acordo com Müller (2007), o pensador inglês defende um materialismo histórico que valoriza conceitos fundamentais como o de *práxis* e o de agir humano. Sobre isso disserta,

Tais noções, a seu ver, sublinham a crença de que a experiência vivida é o diálogo fundamental entre o evento e o conceito, o ser social e a consciência social; de que sujeitar a classe trabalhadora a um sistema (partido ou burocracia) é autoritário e anticomunista; de que o imperativo ontológico do socialismo está além das leis ou de postulados de teorias de autonomia relativa e de que a concepção materialista da história encontra sua melhor expressão em um humanismo socialista ativo e atuante, conforme as aspirações dos trabalhadores (MÜLLER, 2007, p. 101).

Tal posicionamento demonstra como Thompson traz o debate ontológico para o campo das ciências humanas, fundamentado numa concepção materialista histórica que dialoga com as evidências. Permite apreender as repetições e as contradições sob a luz da lógica histórica, que concebe as evidências como incompletas e imperfeitas. A partir disso torna-se possível selecionar essa ou aquela evidência e propor novas perguntas ao campo sociológico.

Dessa forma, o método investigativo de E.P. Thompson possibilita retratar a vida dos trabalhadores rurais ao longo de um determinado espaço de tempo, valorizando os sentidos e os significados atribuídos pelos trabalhadores ao fazer político.

O método dialoga com as evidências e os confrontos entre os aspectos objetivos e subjetivos revelam teses e contra-teses. “Na medida em que uma tese (conceito ou hipótese) é posta em relação com suas antíteses (determinação objetiva não teórica) e disso resulta uma síntese (conhecimento histórico), temos o que poderíamos chamar de dialética do conhecimento histórico” (THOMPSON *apud* HOSTINS 2004, p.10/11).

A dialética é, portanto, o olhar de Thompson para o mundo. No seu trabalho de historiador, o conceito de dialética deixa de ser entendido como um modelo, ou uma lei, para ser tratado como um hábito de pensamento e expectativa quanto à lógica do processo. Aprende-se praticando. Para Thompson “a dialética não pode ser registrada, nem aprendida de cor. Ela só pode ser assimilada pelo aprendizado crítico dentro da própria prática” (THOMPSON, 1981, p.129).

Hostins (2004) argumenta que E.P. Thompson ao resgatar o sentido da dialética e do materialismo histórico de Marx resgata também a experiência e o agir humano como elementos ativos no processo de desenvolvimento da história social. Ainda sobre essa questão, Thompson destaca a importância do contato direto entre pesquisadores e sujeitos sociais tendo em vista a investigação dos diversos aspectos que influenciam no comportamento social de um determinado grupo humano.

Diferentemente de outras tendências teóricas no campo do marxismo que centram suas análises nos aspectos econômicos para explicar as relações sociais, Thompson valoriza os contextos, as racionalidades locais e as vivências cotidianas dos sujeitos para explicar as várias formas de opressão que operam no cotidiano das relações sociais. Sem perder o caráter crítico de suas análises, o autor enfatiza o importante papel desempenhado pela classe trabalhadora na modernidade e valoriza as experiências dos sujeitos sociais no processo de emancipação social.

Considerações Finais

Dentre as principais contribuições teóricas e metodológicas do historiador social britânico E.P.Thompson para a área das Ciências Humanas, destaca-se sua forma singular de entender a política e a cultura como dimensões ontológicas de formação dos sujeitos sociais. A dimensão política aparece conectada ao debate sobre o conceito de classe social e aos diversos aspectos subjetivos dos movimentos sociais. Enquanto que a cultura surge como um agente de formação social como resultado da luta e da consciência de classe.

Esse entendimento permitiu o cruzamento entre cultura e experiência e ampliou o diálogo entre as áreas de história, sociologia política e a antropologia, estimulando assim a continuidade da produção teórica no campo o marxismo.

De acordo com as leituras de estudiosos dedicados aos escritos de E.P. Thompson, a obra *A formação da classe operária inglesa* é uma das referências mais importantes do autor, porque empregou, de forma brilhante, as operações efetivas da lógica histórica, articulando-as numa totalidade conceitual ao empregar a dialética e o materialismo histórico. Já em sua obra *A Miséria da Teoria*, Thompson se dedica a debater sobre questões filosóficas e metodológicas. Nessa ocasião, o autor revela, a partir de uma postura absolutamente crítica em relação ao marxismo althusseriano, seu perfil cauteloso ao manifestar sua preocupação em não se tornar dependente das categorias de análise empregadas por ele.

Um dos aspectos mais interessante da proposta de E.P. Thompson é a possibilidade de analisar as contradições dos processos históricos a partir da articulação de condições objetivas e subjetivas das situações reais. A metodologia do autor permite realizar pesquisas na sociologia política sobre os movimentos sociais contemporâneos, especialmente as experiências coletivas de acordo com seus contextos específicos.

Referências Bibliográficas

DUAYER, Mario. Desencanto Revolucionário, Ininteligibilidade da História e Apostasia de Esquerda: E.P. Thompson sobre Kolakowski. In: *Esboços: Revista de Pós Graduação em História da UFSC*, Florianópolis, v. 11, n.12, 2004.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. O pesquisador e a lógica histórica: contribuições do historiador E.P. Thompson para a pesquisa em educação. In: *27º Reunião Anual da ANPED*, 2004, Caxambu, 2004, 27. Reunião Anual da ANPED. Caxambu: ANPED, 2004.

KOSIC, Karel. *Dialética do conceito*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MORAES, Maria Célia e MÜLLER, Ricardo G. E. P. Thompson: e a Pesquisa em Ciências Sociais. In: *31º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu/MG, 2007, mimeo.

MÜLLER, Ricardo G. Revisitando E. P. Thompson e a “Miséria da Teoria”. In: *Diálogos* (Revista do Programa de pós-graduação em História), Maringá: UEM, Vol. 11, n. 1 (2007), p. 97-136.

MÜLLER, Ricardo G. *Missão Civilizatória e Exterminismo: um caso de Realismo Político*. Relatório Técnico de Pesquisa junto ao NECVU/Núcleo de Estudos de Cidadania, Conflito e Violência Urbana e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCS/UFRJ). Rio de Janeiro, 2008.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Costumes em Comum* – estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Pós-escrito: 1976. In: MORRIS, William: *Romantic to Revolutionary*. London: Merlin, 1976.

VENDRAMINI, Célia Regina. A contribuição de EP Thompson para a apreensão dos saberes produzidos no trabalho. In: *Educação Unisinos*, Porto Alegre, pp.123-129, maio/agosto 2006.